

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA ESCOLA NAVAL: UMA HISTÓRIA DE CONQUISTAS

Hercules Guimarães Honorato ¹

RESUMO

A Escola Naval (EN) recebeu, em 2014, a primeira turma de alunas mulheres (Aspirantes) em seu curso de formação de oficiais para a Marinha. As ‘pioneiras’, como foram denominadas, significavam à época apenas 1,5% do total do corpo discente, um coletivo que desconhecia, como companheiros de farda, a figura feminina. O objetivo deste artigo é apresentar a participação histórica da jovem mulher militar oriunda da EN. A abordagem é qualitativa, com pesquisa documental e bibliográfica como técnicas iniciais exploratórias e com dados de pesquisa longitudinais, de 2014 a 2021. A participação das mulheres em diversas ocupações profissionais até pouco tempo masculinas está em crescimento. A história de conquistas feminina é, sem dúvidas, marcante na construção de uma oficialidade que representa uma parcela da sociedade brasileira. O percentual de mulheres em relação aos Aspirantes em 2014 era de 1,5%, sendo que a relação de total de formandos nesses três anos passou para 5%, um aumento considerado. Os valores percentuais podem ser, a princípio, insignificantes, mas demonstram que as conquistas, mesmo que sejam em números menores, podem representar vitórias comemoradas com o reconhecimento da igualdade completa entre os gêneros na formação superior da Marinha. As futuras oficiais estão a aprender os comportamentos desejáveis que seguirão na profissão militar, de dedicação à Marinha, à Nação, sem se esquecerem de que são mulheres e cidadãs, integrantes ativas de uma sociedade que busca um país desenvolvido, forte, livre, igualitário, justo e soberano.

Palavras-chave: Aspirantes Mulheres. Escola Naval. Ensino Superior Militar. Inclusão de Gênero.

INTRODUÇÃO

Brasil, tens agora as mulheres
A servir também em Armas
A bandeira como escudo
A Marinha como espada
O exemplo, nossa missão
(Estrilho do Hino das Mulheres da Marinha - Mulheres em
Armas. Letra e Música: CMG (S) Sylvania da Costa Orazem)

O quartel tem por característica ser um território de homens, “principalmente por envolver atividades de risco, força e de forte rigor da disciplina” (HONORATO, 2019, p.107). Porém, a efetivação do primeiro contingente feminino nas Forças Armadas brasileiras ocorreu com a promulgação da Lei nº 6.807, de 7 de julho de 1980, e a criação do Corpo Auxiliar

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estácio de Sá – RJ e Professor-Pesquisador do Instituto Naval de Pós-Graduação - RJ. E-mail hghhmma@gmail.com

Feminino da Reserva (CAFRM), composto por um quadro de Oficiais e outro de Praças, que foi revogado pela Lei nº 9.519/1997.

A Marinha do Brasil (MB), portanto, foi a primeira na admissão de mulheres em seus quadros, cujo objetivo principal era a necessidade de liberar o militar operativo para as "atividades relacionadas diretamente com a preparação e o emprego do Poder Naval" (MENDES, 2010, p.1). À época, a Marinha crescia com a compra “[...] de modernas Fragatas da Classe “Niterói”, entre outros meios operativos, além de mobiliar, com mão de obra de nível técnico e universitário, o Centro Médico Naval do Rio de Janeiro, um complexo hospitalar recém-inaugurado, que incluía também o Hospital Naval Marcílio Dias” (HONORATO, 2019, p.106). A figura 1 a seguir apresenta a notícia capa da Revista Manchete de 1980.



Figura 1 – Marinha do Brasil: a vez das mulheres
Fonte: Revista Manchete nº 1488 (1980).

Com a entrada em vigor da Lei nº 9.519, de 26 de novembro de 1997, que dispõe sobre a reestruturação dos Corpos e Quadros de Oficiais e de Praças da Marinha, foi extinto o CAFRM. As mulheres passaram, portanto, a integrar os mesmos Corpos e Quadros que existiam para os militares homens, em igualdade de condições no acesso às promoções e aos cursos. Tal decisão legal culminou, em novembro de 2012, com a promoção ao posto de oficial general a Contra-Almirante (MD) Dalva Maria Carvalho Mendes, e em 2018 a Contra-Almirante (EN) Luciana Mascarenhas da Costa Marroni. A história de conquistas das mulheres militares começa a ser escrita.

A Escola Naval (EN) recebeu, em 2014, a primeira turma de alunas mulheres (Aspirantes) em seu curso de graduação. “As ‘pioneiras’, como foram denominadas, significavam à época apenas 1,5% do total do corpo discente, um coletivo que desconhecia,

como companheiros de farda, a figura feminina² (HONORATO, 2019, p. 120). O objetivo deste artigo é apresentar a participação histórica da jovem mulher militar oriunda da formação superior na Escola Naval (EN), iniciada em janeiro de 2014.

METODOLOGIA

A abordagem dessa investigação é de cunho qualitativo, com pesquisa documental e bibliográfica como técnicas iniciais exploratórias e com dados de pesquisa longitudinais², visto que este é o quarto estudo produzido e que acompanhamos as Aspirantes durante sua formação acadêmica, desde 2014 aos dias atuais. A abordagem metodológica de investigação adotada foi qualitativa, que segundo Alves-Mazzoti e Gewandsnajder (1999, p. 163) é “caracteristicamente multimetodológica, isto é, usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados”.

Aproveitando-me das redes sociais, em especial o aplicativo *WhatsApp*, foi encaminhada uma pergunta específica, listada em seção posterior deste artigo, que foi disseminada para as atuais oficiais da Marinha formadas na primeira turma e para as Aspirantes do 3º ano, que são as primeiras na escolha para os demais corpos, ou seja, poderiam ser do Corpo da Armada e do Fuzileiro.

AS PRIMEIRAS “SENTINELAS DOS MARES”

O caminhar para a participação feminina na EN teve seu início em 2004, quando o então Diretor de Ensino da Marinha (DEnsM) encaminhou o relatório elaborado por um Grupo de Trabalho da Escola, constituído para tratar do assunto “Ingresso de mulheres na Escola Naval”. O tema em estudo voltou a ser tratado em 2013, com reuniões entre os representantes da DEnsM e da EN, que concluiu que o relatório de 2004 estava atual e que as observações/sugestões ali contidas deveriam ser consideradas e mantidas, em especial de que as futuras Aspirantes entrariam direto no Corpo de Intendentes de Marinha (CIM), uma previsão que ficou realçada no edital do concurso.

Outro ponto de destaque que ficou decidido, nesse primeiro momento, foi que não

² Este é o quarto artigo de uma série do autor. O primeiro artigo foi elaborado em 2014, com a entrada das Aspirantes mulheres. O segundo foi em relação a Disciplina de Cultura Organizacional Militar. O terceiro texto foi referente a formatura da primeira turma em 2017. O texto em questão apresenta, desde o início a participação feminina na EN até a possibilidade da escolha dos corpos da Armada e Fuzileiro Naval, ou seja, de 2014 a 2021. Os dois primeiros artigos foram publicados no livro do autor, citado nas Referências.

deveriam cursar algumas disciplinas, de modo que ficassem impedidas, academicamente, de realizarem os cursos dos Corpos da Armada (CA) e de Fuzileiros Navais (CFN). No primeiro concurso para a entrada em 2013 não haveria a prova de Física e, com isso, também não teriam a disciplina de Física-1 (FIS-1) no 1º ano escolar. No lugar de FIS-1 foi colocada outra disciplina, sendo inserida a “Cultura Organizacional Militar”. Dessa forma, o processo de ingresso da mulher na EN ficou diferenciado do dos homens. No ano seguinte a prova de Física retornou ao concurso e a disciplina de FIS-1 integrou novamente do currículo do primeiro ano.

O primeiro concurso contou com 3.354 candidatas para as 12 vagas ofertadas, o que representava uma relação candidato vaga de cerca de 279 candidatos para uma vaga, o dobro e meio da relação masculina de candidatos vagas. No caso dos candidatos homens, eram 4.171 para 41 vagas, sendo este o mesmo número de vagas do concurso de 2012, quando não havia a possibilidade da entrada das mulheres Aspirantes. O que destaca a grande procura para serrar fileiras na primeira turma de Aspirantes mulheres na EN, o que foi corroborado por uma das candidatas aprovadas que estava na idade limite para entrada via concurso e cursava o oitavo período de Engenharia Química.



Figura 2 – A chegada das “Pioneiras”, janeiro de 2014
Fonte: Escola Naval.

A instituição se preparou para receber as novas mulheres, sendo uma das primeiras preocupações foi responder a pergunta: onde seriam alojadas? E depois de muitas deliberações, ficou decidido que não só o camarote, mas tudo que caminharia na formação seria o mais similar ao destinado aos demais estudantes. Outro grande marco foi a adaptação das Normas do Comando do Corpo de Aspirantes (COMCA). Não foi preciso alteração em sua estrutura, mas foi detalhado o uniforme para as áreas comuns, foram incluídos procedimentos para inspeção de camarotes e alojamentos (caso o Oficial fosse do sexo oposto), foram inseridas as regras

para uso do uniforme feminino, dentre outras instruções necessárias (HONORATO, 2019). As primeiras três Oficiais mulheres foram designadas o setor COMCA, com as formações de pedagogia, psicologia e do CIM.

Foi no dia 12 de janeiro de 2014 que as "pioneiras" chegaram à Ilha de Villegagnon³, para se apresentarem e iniciarem o período de adaptação, momento em que, pela primeira vez, haveria o contato entre homens e mulheres que estavam ali com o mesmo propósito, tornarem-se Aspirantes, futuros Oficiais da Marinha.

O período de adaptação em tela é “o momento em que ocorre a transição da vida civil para a vida militar, é a fase em que aprendem sobre as regras e os atributos basilares da formação militar-naval, a hierarquia e a disciplina. Ao passarem por essas semanas de árduo treinamento e aprendizado, puderam conquistar suas platinas e galgar ao posto de Aspirantes da Marinha” (HONORATO, 2019, p.123). Como informação complementar, esse autor destaca que dos 236 novos Aspirantes que começaram o período de adaptação, somente oito desistiram, todas as 12 jovens “pioneiras” na vida militar e na EN continuaram. Ao iniciarem o período escolar, as novas Aspirantes representavam cerca de 1,5% do total do corpo discente, um coletivo que desconhecia, como companheiros de farda, a figura feminina.

Em dezembro 2017, ano da formatura da Turma "Almirante Gastão Motta", foram declaradas Guardas-Marinha, sendo este o reconhecimento da Marinha do Brasil por quatro anos dedicados a construção do ser marinheiro, independente do seu gênero. Após a viagem no NE “Brasil”, foram promovidas a Segundo-Tenente e, como previsto no Plano de Carreiras, foram movimentadas para diversas Organizações Militares e, segundo o Boletim de Oficiais, cômputo de 28 de fevereiro de 2021, quatro exercem funções embarcadas em navios da Esquadra e duas no CFN. Mais um capítulo da história de conquistas das mulheres militares foi escrito.

A Capitã de Corveta (IM) Geórgia Rita Macieira Ramos Nizer, uma das primeiras oficiais que chegaram à instituição para auxiliar na integração e desenvolvimento das mulheres Aspirantes, relatou que:

As 12 Aspirantes, conseguiram durante esses anos angariar lugares que não imaginávamos, elas sem dúvidas ultrapassaram as expectativas que as depositamos. Mas, cabe a mim também salientar que ainda há inúmeros espaços na Escola Naval que próximas Aspirantes das turmas subsequentes podem conquistar, e mostrar cada vez mais a capacidade que a Mulher Militar tem de exercer as mesmas funções que os homens. (HONORATO, 2019, p.124).

³ Ilha de Villegagnon – nome dado em homenagem ao Almirante e conquistador francês Nicolau Durand de Villegagnon, que ordenou a construção do Forte de Coligny na Ilha de Sereipe, em 10 de novembro de 1555, com a intenção de criar a “França Antártica”. Foi expulso por Men de Sá em 1560. (LIMA, 2008).



Em dezembro 2017, ano da formatura da Turma "Almirante Gastão Motta", foram declaradas Guardas-Marinha, sendo este o reconhecimento da Marinha do Brasil por quatro anos dedicados a construção do ser marinheiro, independente do seu gênero. Após a viagem no NE "Brasil", foram promovidas a segundo tenente e, como previsto no Plano de Carreiras, foram movimentadas para diversas Organizações Militares e, segundo o Boletim de Oficiais, cômputo de 28 de fevereiro de 2021, quatro exercem funções embarcadas em navios da Esquadra e duas no CFN. Mais um capítulo da história de conquistas das mulheres militares foi escrito.

A IGUALDADE DE ESCOLHA DO CORPO

A Lei de reestruturação de Corpos e Quadros que extinguiu o CAFM, em seu art. 9º deixava claro, a princípio, que “Os Oficiais da Marinha, de ambos os sexos, são iguais em direitos e obrigações nos termos da Constituição, observados os valores, princípios e normas nela estabelecidos”. Porém, em seu inciso I, do § 1º, que os cargos ocupados por Oficiais do sexo masculino deverão ser do CA e do CFN. Com o advento da Lei nº 13.541, de 18 de dezembro de 2017, que dispõe sobre a reestruturação dos Corpos e Quadros de Oficiais e de Praças da Marinha, o respectivo inciso foi alterado, com a possibilidade dos Corpos e os Quadros de Oficiais da Marinha do Brasil serem integrados por Oficiais de ambos os sexos. A partir deste momento abriu-se a possibilidade de abertura dos demais Corpos para as Aspirantes mulheres.

O primeiro concurso para a EN com essa possibilidade de escolha de Corpo foi realizado em 2019, com as mesmas 12 vagas para as candidatas mulheres, uma constante nos concursos anteriores. A participação de 2.746 candidatas deixava uma relação candidato vaga em cerca de 229. Foram abertas nesse concurso 19 vagas para candidatos homens. Relembra-se que o maior contingente de entrantes na instituição é oriunda do Colégio Naval, com uma média de 200 alunos anos formados por ano.

Com a escolha de Corpo realizada no início do terceiro ano do ciclo escolar e durante a Comissão “Aspirantex” de 2021, foram selecionadas seis para o CA, uma para o CFN e três para o CIM, com um total de nove Aspirantes mulheres. Em relação a primeira Aspirante FN, foi lhe perguntado o porquê da sua escolha? E a resposta foi “[...] me identifiquei em relação a minha personalidade [...] e também ao grande leque de oportunidades que o CFN tem para servir à Pátria”. A figura 3 destaca a apresentação da primeira Aspirante FN a ser formada na Escola Naval ao Comandante-Geral do CFN, Almirante de Esquadra (FN) Zuccaro.



Figura 3 – Primeira Aspirante FN
Fonte: Escola Naval.

O quantitativo total de Guardas-Marinha (GM) formados desde a entrada das primeiras mulheres na EN, de 2018 a 2020, foram 634, sendo 32 GM do CIM, do sexo feminino. O percentual de mulheres em relação aos Aspirantes em 2014 era de 1,5%, sendo que a relação de total de formandos nesses três anos passou para 5%, um aumento considerado. Os percentuais podem ser, a princípio, insignificantes, mas demonstram que as conquistas, mesmo que sejam em números menores, podem representar vitórias comemoradas com o reconhecimento da igualdade completa entres os gêneros na formação superior da Marinha.

PALAVRA ABERTA PARA AS OFICIAIS E AS ASPIRANTES

Um artigo que trate de um tema tão importante como a história das primeiras mulheres na graduação da EN não poderia ficar sem dar voz a quem realmente viveu e vive no solo sagrado de Villegagnon. Assim, foram convidadas, tanto as doze pioneiras como as Aspirantes do atual terceiro ano, para responderem a pergunta: O que significou ou significa ter sido ou ser uma “Sentinela dos Mares?”. Duas costuras textuais foram elaboradas com as respostas recebidas.

As integrantes da primeira turma afirmam que “foi poder ter uma formação militar-naval aprimorada; foi e continua sendo um desafio diário; todas as realizações você tem em conjunto com todos os seus amigos de turma; ser forjada durante 4 anos em Villegagnon me marcou e me definiu; sou grata pela experiência, pelos amigos que fiz, pela timidez que perdi, pelas inúmeras barreiras que rompi junto com as minhas companheiras e meus companheiros de turma e por tudo que aprendi e pude trazer para vida fora do militarismo”.

As Aspirantes do terceiro ano asseveram que “É uma honra fazer parte de uma

instituição como a Marinha do Brasil, onde princípios e valores são respeitados e priorizados. Ser uma sentinela dos mares é motivo de grande orgulho; poder contribuir para a conquista e manutenção dos objetivos da Marinha do Brasil para com o País; É um orgulho muito grande tanto para mim quanto para minha família fazer parte da instituição e poder seguir essa carreira tão bonita e admirada pela sociedade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação das mulheres em diversas ocupações profissionais com certeza está em crescimento, até pouco tempo notadamente masculinas. As estruturas nas relações entre gêneros vêm evoluindo consideravelmente nos últimos anos, e como somos seres oriundos de uma construção social histórica, uma vez que estão sendo abertas as oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor e sua capacidade de decisão, liderança e competência em serem militares das forças armadas.

A trajetória de conquistas na participação feminina na Escola Naval é, sem dúvidas, marcante na construção de uma oficialidade que representa uma parcela da sociedade brasileira. No momento de formação inicial de um pequeno grupo de “pioneiras” em 2014, as Aspirantes começaram a se conhecerem como militares, descobriram sua vocação, entenderam o estilo de vida da caserna e os valores representantes da Marinha. Aprenderam e estão aprendendo os comportamentos desejáveis que seguirão na profissão escolhida, de dedicação à Marinha, à Nação, sem se esquecerem de que são mulheres e cidadãs, integrantes ativas de uma sociedade que busca um país desenvolvido, forte, livre, igualitário, justo e soberano.



Figura 4 – Formatura das 12 “Pioneiras”, dezembro de 2017
Fonte: Escola Naval.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.519, de 26 de novembro de 1997.** Dispõe sobre a reestruturação dos Corpos e Quadros de Oficiais e de Praças da Marinha. 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19519.htm. Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.541, de 18 de dezembro de 2017.** Altera a Lei nº 9.519, de 26 de novembro de 1997, que “Dispõe sobre a reestruturação dos Corpos e Quadros de Oficiais e de Praças da Marinha”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13541.htm. Acesso em: 17 maio 2021.

HONORATO, H. G. **Relato de uma experiência acadêmica: o “eu” professor-pesquisador.** Vol. 1. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. ISBN 978-65-5016-232-0.

LIMA, J. C. N. (Ed.) **Escola Naval: 200 anos no Brasil.** Rio de Janeiro: Public, 2008.

MENDES, L. C. K. B. **Subsídios sobre a presença da mulher na MB.** Brasília, DF: Centro de Comunicação Social da Marinha, 2010.